
VIOLÊNCIA E APAGAMENTO DA VOZ INDÍGENA NO BRASIL – O CASO YANOMAMI

Priscila Maria de Barros Borges¹

Resumo: O presente texto apresenta discussão sobre a lacuna na História Oficial brasileira que corresponde à voz indígena, ainda hoje silenciada. Pretende demonstrar que este silenciamento foi/é construído através de violências de várias ordens ao longo da constituição de nossa historiografia. Na atualidade as diversas minorias têm promovido um movimento de contar sua própria versão da História, através da publicação de livros e produção de documentários. Entre os povos indígenas não é diferente, exemplo disso é o livro *A queda do céu*, assinado pelo xamã e líder yanomami Davi Kopenawa em parceria com o antropólogo Bruce Albert. A obra *A queda do céu*, é aqui brevemente interpretada à luz dos conceitos de memória e testemunho, dando destaque à necessidade de que a voz indígena seja disseminada e ouvida, principalmente entre a sociedade não-indígena.

Palavras-chave: memória indígena; violência; testemunho; Yanomami.

Abstract: This paper presents discussion on the gap in the Brazilian Official History which is the indigenous voice, still muted. It aims to demonstrate that this silencing was / is built through violence of various orders over the constitution of our historiography. Nowadays the various minorities have promoted a movement to tell their own version of history, through the publication of books and documentary production. Among indigenous people is no different, example is the book *The falling sky*, signed by the leader and shaman Davi Yanomami Kopenawa in partnership with the anthropologist Bruce Albert. The work *The falling sky*, here briefly interpreted in the light of the concepts of memory and testimony, highlighting the need for the indigenous voice is heard and widespread, especially among the non-indigenous society.

Keywords: indigenous memory; violence; testimony; Yanomami.

¹ Mestranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Póslit) da Faculdade de Letras da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: priscilabborges@yahoo.com.br.

1. Apagamento da voz indígena

Nossos maiores amavam suas próprias palavras. Eram muito felizes assim. Suas mentes não estavam fixadas noutra lugar. Os dizeres dos brancos não tinham se intrometido entre eles. Possuíam seus próprios pensamentos, voltados para os seus [...]. Hoje, todas essas falas a respeito dos brancos atrapalham nosso pensamento. A floresta perdeu seu silêncio. Palavras demais nos vêm das cidades. (Davi Kopenawa. *A queda do céu*. 2015).

Desde a invasão de portugueses e espanhóis ao nosso continente as populações originárias têm sido alvo de violências de várias ordens (física, moral, religiosa, territorial etc.), entre elas o apagamento de sua voz perante a História oficial. No caso brasileiro, os registros “oficiais” que temos dos primeiros contatos entre europeus e brasileiros são aqueles escritos e preservados pelos invasores, já que os diversos povos indígenas que aqui viviam possuíam outras técnicas de preservação da memória (com forte suporte na oralidade), bem como não possuíam sistema de escrita alfabética. O pouco que nos chegou da voz indígena daquele tempo foi preservado através de grafismos, cantos e narrativas orais, registros pouco confiáveis do ponto de vista da tradição intelectual ocidental, com forte ênfase na escrita.

Ao longo da história da colonização do Brasil pelos portugueses a perspectiva indígena foi sempre apresentada pelo colonizador. As políticas de governo imputadas no Brasil a partir da chegada dos portugueses em 1500 foram extremamente danosas à voz indígena, que se perpetuava na oralidade, operando um apagamento real, físico, um genocídio estruturado para a dizimação dos povos indígenas. Guerras justas, epidemias, imposição da fé cristã, proibição de uso de uma língua própria, e incitação de guerras tribais foram as políticas de colonização adotadas pela Coroa Portuguesa no século XVI. Na época da invasão portuguesa, a população indígena do Brasil estava na casa dos dois milhões (CUNHA, 1992); hoje, segundo dados do IBGE

(censo 2010) a população indígena brasileira é de pouco mais de 817 mil habitantes. O Estado republicano brasileiro também não se mostrou favorável aos povos originais e deu continuidade aos projetos de colonização iniciado pelos portugueses. Além das violências físicas, assassinatos e epidemias, percebemos no processo do contato uma forte violência de ordem simbólica. O projeto de conversão ao cristianismo foi operado desde o início pelos jesuítas, e continua até hoje. Poderíamos citar, ainda, como violência simbólica os vários esforços de contato empreendidos por governos, estudiosos e sociedade envolvente. A introdução de ‘mercadorias’ nas comunidades indígenas, iniciada em 1500, é ainda prática nas políticas indigenistas brasileiras².

Maria Inês de Almeida (2004) fala sobre a recente inserção dos chamados Livros da Floresta na historiografia literária brasileira, e a importância para a “reconstrução da memória indígena no Brasil, embora também se construa sobre os escombros da sua história, sobre o esquecimento do seu passado” (ALMEIDA; QUEIROZ, 2004, p. 201). Nesse contexto, é de grande importância a recém publicação, em língua portuguesa³, da obra *A Queda do Céu* (KOPENAWA, 2015), que relata a violência sofrida pelo povo Yanomami, a partir do contato com o homem branco nas primeiras décadas do século XX, na perspectiva indígena. O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, que prefacia a edição brasileira do livro, o considera como um “acontecimento científico incontestável”. Castro (2002, 2015) tem evidenciado a contribuição das metafísicas ameríndias para a ciência ocidental, mais especificamente sua contribuição à antropologia. Ele afirma que “temos a obrigação de levar absolutamente a sério o que dizem os índios pela voz de Davi Kopenawa – os índios e todos os demais povos ‘menores’ do planeta, as minorias extranacionais que ainda resistem à total dissolução pelo liquidificador modernizante do Ocidente” (CASTRO apud KOPENAWA, 2015, p.15).

² A esse respeito temos o documentário *Paralelo 10*, realizado por Silvio Da-Rin, que retrata o sertanista José Carlos Meirelles, na condição de consultor da FUNAI, na tentativa de fazer contato com os “isolados” no Acre. As filmagens foram realizadas em 2010. Trailer oficial disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T2XmIV205As>. Acesso em: 09. nov. 2015.

³ O livro foi primeiramente publicado em francês (*La chute du ciel*, 2010), e posteriormente em inglês (*The falling sky*, 2013).

2. Elementos para uma teoria

Para discutir a memória indígena no Brasil torna-se imprescindível pensarmos na transmissão oral do conhecimento e no reconhecimento de uma definição ampliada de documento, isso para que seja possível ir preenchendo as lacunas na História oficial, que correspondem justamente ao ponto de vista dos povos originários. De igual importância são os aspectos relacionados às ideias de testemunho e memória coletiva, bem como da relação de forças entre história oficial e a voz dos esquecidos. O esquecimento do trauma indígena pela sociedade brasileira não é gratuito. A ideia de uma memória coletiva, de acordo com Le Goff (1992), está no centro das lutas pelo poder; e a manipulação daquilo que deve ser lembrado e esquecido é uma das preocupações das classes dominantes. “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 1992, p. 422). Os povos indígenas, enquanto habitantes originários destes territórios, foram sempre um empecilho nos projetos de colonização do governo brasileiro. Dessa forma, ao mesmo tempo em que foram impedidos de contar sua própria história, ficaram sujeitos que a contasse outros e que se criassem estereótipos como *muita terra para pouco índio*, uma tentativa de esconder a realidade brasileira, em que populações indígenas (algumas numerosas, outras muito dizimadas) lutam para manter seu modo de vida tradicional.

A queda do céu, do Yanomami Davi Kopenawa, é um texto narrado em primeira pessoa, podendo ser classificado entre as autobiografias, mas certamente não como uma biografia tradicional. Segundo Davi Kopenawa, em um Seminário realizado na Faculdade de Educação da UFMG em 23 de novembro de 2015⁴, para a composição do livro ele e Bruce Albert estiveram reunidos durante uma semana na aldeia, momento em que as histórias foram registradas em um gravador. Em seguida, Albert teria transcrito as gravações,

⁴ Palavras de um xamã yanomami – realizado pelo Observatório da Educação Escolar Indígena com apoio do IEAT (Instituto Estudos Avançados Transdisciplinares).

para que posteriormente os dois juntos fizessem a revisão. Este procedimento aponta para a metodologia de projetos de História Oral, o que não nos espanta, dada a dimensão de coletividade apresentada pela voz de Davi. Devido à natureza traumática das vivências e experiências relatadas, o conteúdo de *A queda do céu* pode ser abordado, também, a partir do conceito de testemunho. Seligmann-Silva (2001), ao discutir sobre as características de *Testimonio* e sua inserção no contexto da América Latina, indica que “o ponto de partida são as experiências históricas da ditadura, da exploração econômica, da repressão às minorias étnicas, às mulheres e, nos últimos anos, aos homossexuais” (2001, p. 122). Michael Taussig (1993) reflete sobre os *espaços da morte*, e sobre o papel do terror na dominação colonial. “Podemos pensar no espaço da morte como uma soleira que permite a iluminação, bem como a extinção. De vez em quando uma pessoa atravessa e volta até nós para dar seu depoimento” (TAUSSIG, 1993, p. 26). Taussig também apresenta reflexões sobre o xamanismo enquanto cura para o trauma. Esse é bem o caminho de Davi Kopenawa: testemunha e vítima do terror, esteve ele próprio no espaço da morte, tendo caminhado não à extinção, mas à iluminação, como liderança e como um xamã yanomami.

3. Histórico do contato – o caso Yanomami

Os Yanomami viveram relativamente isolados do contato com o homem branco até o final do século XIX. Em território brasileiro os primeiros contatos foram com soldados da Comissão Brasileira de Demarcação de Limites, no início do século XX. Por volta da década de 1940 têm início as ações do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) na região yanomami, havendo, a partir daí, mais contatos entre os indígenas e funcionários do governo. Também neste período tem início a intervenção das missões protestantes e católicas entre este povo indígena. Estas primeiras missões, de acordo com o relato exposto por Davi Kopenawa, foram altamente nocivas ao Yanomami:

Foi então que começaram a nos amedrontar com as palavras de Teosi, e a nos ameaçar constantemente: 'Não masquem folhas de tabaco! É pecado, sua boca vai ficar queimada! Não bebam o pó de yãkoana, seu peito ficará enegrecido de pecado! Não riam e não copulem com as mulheres dos outros, é sujo! Teosi só ficará satisfeito com vocês se responderem a ele!' (KOPENAWA, 2015, p. 256).

A tentativa de conversão é uma grande violência. As chantagens e as ameaças de ordem moral e religiosa são constantes nestes processos de conversão, momento em que os xamãs são alvos de duras críticas, como relata Davi: "Diziam-lhes sem parar que eram maus e que seu peito era sujo. Chamavam-nos de ignorantes. E ameaçavam sempre: 'parem de fazer danças seus espíritos da floresta, isso é mau! São demônios que Teosi rejeitou!" (KOPENAWA, 2015, p. 257). Logo muitos Yanomamis se converteram, inclusive o padrao de Davi, que era também um xamã.

Outras frentes de intervenção no território Yanomami aconteceram com a construção da estrada Perimetral Norte na década de 1970 e a corrida do ouro a partir da década posterior. A Perimetral Norte, ou BR-210, foi planejada pela política desenvolvimentista do regime militar, e tinha como objetivos principais a ligação entre partes isoladas do país (interligação dos estados de Amapá, Roraima e Amazonas) e ainda garantir soberania nesta região de fronteiras. A construção da estrada (cujo traçado planejado nunca foi completado) acarretou a dizimação de aldeias yanomamis que se localizavam em suas proximidades. Nesta época, Davi Kopenawa, então com 20 anos, vai trabalhar como intérprete da Funai, e assim começa sua maior interação com o mundo dos brancos, bem como começa a perceber as reais intenções do governo brasileiro para aquelas terras. O regime militar tinha planos de dividir as terras yanomamis em 21 ilhas cercadas de colonização – como nos informa Bruce Albert em nota⁵ – e em 1977 tentou promulgar o desmembramento do território Yanomami.

⁵ Nesta época Bruce Albert fazia parte da CCPY - Comissão Pró-Yanomami - e acompanhou de perto este processo.

Na década seguinte, tem início a corrida do ouro e a invasão de milhares de garimpeiros, que promoveram uma grande violência destruindo a floresta, base da vida e saúde Yanomami. “Os garimpeiros sujaram a floresta para valer. Ela ficou impregnada de fumaça de epidemia e fomos pegos num frenesi de morte” (KOPENAWA, 2015, p. 225). Os garimpeiros foram protagonistas de grandes violências contra os indígenas; um episódio bastante conhecido foi o Massacre de Haximu, ocorrido em 1993, quando 16 yanomamis (entre homens, mulheres, crianças e idosos) foram mortos por 22 garimpeiros. O massacre de Haximu foi confirmado como crime de genocídio pelo Supremo Tribunal de Justiça em 2006.

4. A queda do céu

A obra *A queda do céu*, assinada pelo xamã yanomami Davi Kopenawa e pelo antropólogo Bruce Albert, é fruto de mais de 20 anos de contato e trabalho entre esses dois estudiosos. No livro se misturam vários *eus* do autor: um Davi principal, que narra “por completo” sua história pessoal, sua infância, o contato com o branco, a iniciação xamânica na juventude, as violências vivenciadas, a luta pelos direitos territoriais dos yanomamis no Brasil e a inserção no movimento indígena; esta voz é constituída por vivências, fatos dos quais ele foi protagonista e/ou testemunha. Também aparece a voz da liderança indígena, que em sua atuação política critica duramente o modo de vida do homem branco e os malefícios acarretados, que atingem não só os povos indígenas, mas todas as formas de vida do planeta. Há ainda uma terceira voz, a do xamã, que sonha, revela, cura e nos ensina sobre os espíritos, sobre como proceder para o bem viver.

Leonor Arfuch (2009) considera a autobiografia como “um gênero ligado ao surgimento do sujeito moderno, ao desejo de identidade, verificação e posteridade” (ARFUCH, 2009, p. 113). Na autobiografia de Kopenawa, percebe-se mais a resposta a uma demanda coletiva, do que o desejo individual de reconhecimento e posteridade. Arfuch marca a articulação entre o individual e o social, entendendo que só existe um *eu* frente a um *você*, e “se

apenas somos em relação com outros, pouco haverá de verdadeiramente individual em uma biografia, a trama será indissociável do meio, do grupo, da comunidade” (ARFUCH, 2009, p. 120). Isso fica evidente em *A Queda do céu*, onde os relatos propriamente pessoais (a infância, os acontecimentos vivenciados) se misturam a um relato da comunidade como um todo (experiências – memórias vivenciadas e transmitidas pelos mais velhos – principalmente por seu padrasto e por seu sogro – e por yanomamis de outras casas). Os relatos propriamente biográficos se misturam ao relato de fatos históricos importantes na História recente do país. Os fatos históricos aparecem tanto na personalidade de Kopenawa (que os aborda sobre seu ponto de vista) quanto no endosso formalizado por Bruce Albert por meio de notas que perpassam todo o texto. Há também a presença de trechos de documentos “oficiais” produzidos na época dos acontecidos.

Em cenários de luta política, o critério de atribuição de verdade a um texto é expresso de um posicionamento dentro da luta. A autobiografia pode assumir um papel de mediação, instrumento de confronto, em que a experiência individual atua como fundamento para interpretar e discutir a experiência coletiva (GINZBURG, 2009, p. 124).

O trabalho de Ginzburg aponta para uma ruptura com essa concepção afirmativa de biografia (com tendência a atribuir maior veracidade a estes relatos em primeira pessoa), incorporando, a partir de Foucault, elementos do materialismo marxista, da psicanálise de Freud e da crítica ao conhecimento de Nietzsche. Isso permite a Ginzburg elaborar algumas hipóteses para a teoria da autobiografia, por exemplo: “quando a autoria de um texto autobiográfico estiver associada a uma situação de dominação econômica e desigualdade de classes, o esforço de conhecimento de si mesmo pode corresponder a um confronto com as categorias de pensamento valorizadas pela classe dominante” (GINZBURG, 2009, p. 130). Isso fica claro no trabalho de Kopenawa aqui abordado, onde o confronto principal se dá entre o pensamento

desenvolvimentista do Estado brasileiro e o preservacionista dos Yanomami, que possuem uma relação íntima e misteriosa com a floresta.

Eduardo Viveiros de Castro, no prefácio de *A queda do céu*, classifica a obra enquanto um “depoimento-profecia”, o que se evidencia pela posição de xamã ocupada por Kopenawa. O fato de ser um xamã, de beber o pó yãkoana e ver os xapiris (espíritos) é que conferem autenticidade às palavras de Davi Kopenawa. Ele se vale, também, das palavras dos mais velhos, dos grandes homens (xamãs) de seu povo, como é o caso de seu padrasto e de seu sogro. “Foi meu padrasto que me contou” (KOPENAWA, 2015, p. 255). A ideia de ética da responsabilidade é de grande importância para pensarmos a constituição desse texto, construído a partir de depoimentos dos mais velhos, sonhos e revelações feitas pelos espíritos. Davi Kopenawa, enquanto liderança yanomami, responde a e representa uma coletividade, sua fala é a fala de seu povo.

Seligmann-Silva (2001, p. 123) nos explica que a noção de testemunha é normalmente aplicada ao sobrevivente. Nesse sentido, Davi Kopenawa é testemunha primária, sobrevivente das tragédias que dizimaram boa parte da população Yanomami a partir do contato. A partir das características apresentadas por Seligmann-Silva podemos identificar *A queda do céu* como literatura de *testimonio*. A narrativa de Kopenawa “apresenta-se como um registro da história” (SELIGMANN-SILVA, 2001, p. 126), como o ponto de vista outro, complementar à história oficial; sua fala responde à “necessidade de se fazer justiça, de se dar conta da exemplaridade do ‘herói’ e de se conquistar uma voz para o ‘subalterno’” (SELIGMANN-SILVA, 2001, p. 123). Outro aspecto que Seligmann-Silva destaca em relação à literatura de testemunho é a presença do mediador, papel que em *A queda do céu* é desempenhado por Bruce Albert. O texto é fruto de conversas, entrevistas e gravações realizadas com Davi Kopenawa durante muitos anos. É certo que o antropólogo foi responsável pela compilação escrita dos relatos orais do líder indígena, mas, ainda assim, o texto mantém uma forte relação com a oralidade, transparecendo o ritmo do pensamento e da fala do xamã. *A queda do céu*, por sua força de testemunho e por sua contribuição à história recente do Brasil,

merece se juntar a outros cânones da literatura de *testimonio*, como os citados por Seligmann-Silva (2001).

5. Quem testemunha pelos Yanomamis?

Os Yanomamis entraram para a história como um povo feroz, principalmente devido à contribuição de estudos etnográficos como *The fierce people* (1967), do norte-americano Napoleon Chagnon, um best-seller ainda hoje adotado nos cursos de antropologia e que retrata uma sociedade Yanomami violenta, onde a violência é motivada por vinganças e pelo controle sobre os indivíduos do sexo feminino. A presença de antropólogos entre os Yanomamis (principalmente na região da Venezuela), entre os anos de 1960 e 1970 desencadeou uma das mais sérias polêmicas envolvendo os limites éticos da pesquisa etnográfica, como descrito por Patrick Tierney em *Trevas no eldorado: como cientistas e jornalistas devastaram a Amazônia*. O livro de Tierney, publicado em 2002, reascende o debate, colocando novamente em evidência graves denúncias que não tiveram nem a repercussão esperada e muito menos a punição devida aos criminosos. As acusações feitas ao antropólogo francês Jacques Lizot giram em torno da pedofilia e do estímulo à prostituição, sendo acusado de trocar as mercadorias (facões, roupas etc.), tão caras e necessárias no universo yanomami, por “favores sexuais”. As acusações em torno do norte-americano Chagnon são igualmente graves. Ele é acusado de estimular as guerras entre diferentes grupos yanomami (e o fornecimento e o controle sobre as mercadorias têm papel crucial nisso), manipulando dados e filmagens na tentativa de comprovar sua teoria de ferocidade do povo yanomami. É acusado, também, juntamente com o médico geneticista James V. Neel (para quem Chagnon trabalhava), de dar início a um grande surto de sarampo entre os Yanomami da Venezuela em 1968, devido a

experimentações biomédicas⁶. Esta pesquisa também foi responsável por recolher material genético yanomami, sem respeitar as éticas de pesquisas biomédicas (consentimento informado), barganhando este material genético por “presentes” aos indígenas.

Por enquanto, os brancos continuam mentindo a nosso respeito, dizendo: ‘os Yanomami são ferozes. Só pensam em fazer guerra e roubar mulheres. São perigosos!’. Tais palavras são nossas inimigas e nós as odiamos. Se fôssemos ferozes de verdade, forasteiro algum jamais teria vivido entre nós. Ao contrário, tratamos com amizade os que vieram à nossa terra para nos visitar. Moraram em nossas casas e comeram nossa comida. Essas palavras torcidas são mentiras de maus convidados (KOPENAWA, 2015, p. 77).

Diante das polêmicas levantadas pelo livro de Tierney⁷, foi lançado em 2013 o filme *Segredos da tribo: guerra tribal na selva acadêmica*⁸, do cineasta José Padilha⁹. O documentário dá voz aos diversos envolvidos nas acusações feitas por Tierney Patrick como também às populações yanomami que conviveram com os acusados. O filme, de certa forma, é também uma tentativa de reconciliação, já que apresenta os pontos de vista dos diversos atores envolvidos (yanomamis, antropólogos, o próprio Tierney Patrick aparece como depoente no documentário de Padilha).

6. Memórias verdadeiras

“Então, entreguei a você minhas palavras e pedi para levá-las longe, para serem conhecidas pelos brancos, que não sabem nada sobre nós” (KOPENAWA, 2015, p. 63). O lançamento do livro de Davi Kopenawa é algo

⁶ As pesquisas de Neel, segundo as denúncias, foram financiadas pela Atomic Energy Commission, dos EUA, e que as amostras de sangue coletadas foram utilizadas como grupo de controle de estudos da radioatividade sobre sobreviventes das bombas de Hiroshima e Nagasaki.

⁷ O livro traz acusações também ao antropólogo Keneth Good, que teria se casado com uma menina yanomami.

⁸ O documentário está disponível no Netflix, para assinantes. <http://www.netflix.com>.

⁹ Padilha é autor de outros filmes polêmicos, como *Ônibus 174*, *Tropa de Elite* e a recente produção, junto com a Netflix, de *Narcos* – série que retrata a vida do traficante de drogas Pablo Escobar.

inédito na sociedade yanomami, sendo a possibilidade de contar a própria história diante das calúnias e mistérios que sempre envolveram este povo indígena frente às sociedades nacionais. Paradoxalmente, a escrita é uma aliada recente neste processo de retomada da voz própria. “Eu não tenho livros como eles, nos quais estão desenhadas as histórias dos meus antepassados. As palavras dos xapiri estão gravadas no meu pensamento, no mais fundo de mim” (KOPENAWA, 2015, p. 65). A transmissão do conhecimento nas sociedades ameríndias é tradicionalmente realizada por vias da oralidade. “Quando eu era pequeno, costumava me falar dos ancestrais que viraram caça no primeiro tempo. Contava-me tudo com zelo, durante a noite, enquanto eu, deitado em minha rede, olhava o fogo que minha mãe soprava de tempos em tempos. Ele não queria que eu crescesse na ignorância” (KOPENAWA, 2015, p. 237)¹⁰. Os povos ameríndios não precisam da escrita para lembrar, isso torna a memória (aqui entendida como a capacidade de lembrar) mais forte.

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte”. (KOPENAWA, 2015, p. 75).

Michael Pollak (1992), no texto “Memória e identidade social”, aponta que a memória é constituída por acontecimentos, personagens e lugares. Em relação aos acontecimentos existem aqueles vividos pessoalmente (vivência) e aqueles vividos pela coletividade à qual o indivíduo faz parte (experiência), esses últimos “são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 2). É justamente o que percebemos no relato de Davi: ele fala com propriedade tanto

¹⁰ Aqui Davi se refere ao padraço.

dos fatos vivenciados por ele, quanto aqueles relatados por seus parentes mais velhos e por yanomamis de outras casas¹¹. A história relatada pelo xamã apresenta dois personagens principais (além dele próprio): seu padraço e seu sogro, dois grandes homens, dois xamãs, as vozes de veracidade invocadas constantemente por Davi. Certamente, Davi Kopenawa Yanomami é, ele próprio, personagem protagonista da história do movimento indigenista brasileiro. Em relação ao terceiro elemento, os lugares, percebe-se que a Floresta figura como aporte principal da memória relatada. Isso é bem interessante, pois os discursos anti-indigenistas querem fazer crer que a luta é sempre por terra, mas a fala de Davi é em defesa da Floresta. O trauma e o luto estão bastante presentes no relato desenvolvido por Davi. Percebe-se, também, um rancor direcionado ao homem branco, marcas do contato entre culturas tão distintas e que serão difíceis de serem apagadas. As violências vivenciadas, principalmente as situações de epidemias, colocam a testemunha naquele *espaço da morte* revelado a Taussig (1993) por um xamã colombiano. A morte deixa de ser percebida como algo natural – parte da vida – para ser vivenciada enquanto violência e trauma:

Antigamente, antes dos brancos chegarem à nossa floresta, morria-se pouco. Um ou outro velho ou velha desapareciam, de tempos em tempos, quando seus cabelos já tinham ficado brancos, seus olhos cegos, suas carnes secas e flácidas (...). Eram de fato poucas pessoas pelas quais se ouviam prantos funerários (KOPENAWA, 2015, pp. 175-176).

O genocídio indígena não foi realmente integrado à identidade brasileira, nós, enquanto nação, não sentimos esta dor, e a identificamos sempre à dor de um índio histórico causada por colonizadores anteriores a nós mesmos. Uma tentativa de conciliação empreendida pelo Estado brasileiro – no caso dos yanomami – foi a regularização da Terra Indígena. A resposta dos Yanomami ao trauma (no caso de Davi Kopenawa, como representante dos yanomami do Brasil) foi a mobilização política. Hoje eles estão organizados através da

¹¹ As visitas a aldeias vizinhas e afastadas faz parte da dinâmica social Yanomami, momentos em que acontecem os diálogos cerimoniais, quando compartilham histórias, cantos, experiências, etc.

Hutukara Associação Yanomami, instituição representada legalmente por Davi Kopenawa.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce. **Reflexões sobre Trevas no Eldorado:** questões sobre bioética e assistência à saúde entre os Yanomami. Sem data. Disponível em: <http://www.proyanomami.org.br/v0904/documentos/doc2/part3.pdf>. Acessado em: 30/11/2015.

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz:** as edições da narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, FALÉ/UFMG, 2004.

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico na (re)configuração da subjetividade contemporânea. In: GALLE, Hemult (et al.) (org.). **Em primeira pessoa:** abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume, 2009, pp. 113-121.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2002.

_____. **Metafísicas canibais:** elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

_____. Prefácio: Recado da mata. In: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 11-41.

CUNHA, Manuela Carneiro. Introdução a uma história indígena. In: _____. (org.). **História dos índios do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP, 1992, pp. 9-24.

GINSBURG, Jaime. Impacto da violência e constituição do sujeito: um problema da teoria da autobiografia. In: GALLE, Hemult (et al.) (org.). **Em primeira pessoa:** abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume, 2009, pp. 123-131.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, pp. 200-212, 1992. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417> ; Acesso em: 08 jul. 2009.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Zeugnis” e “Testemonio”: um caso de intraduzibilidade entre conceitos. **Letras**, n. 22: Literatura e autoritarismo. Santa Maria/RS, pp. 121-130, jan./jun. 2001.

Site institucional IBGE Indígenas. Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/>. Acesso em: 30 nov. 2015.

Site institucional Instituto Socioambiental. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yanomami/569>. Acesso em: 30 nov. 2015.

TIERNEY, Patrick. **Trevas no eldorado**: como os cientistas e jornalistas devastaram a Amazônia. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem**: em estudo sobre o terror e a cura. São Paulo: Paz e Terra, 1993.